

O Homem dos Ratos e a Questão do Pai

Luís Carlos Menezes

Dos cinco grandes casos clínicos publicados, em dois deles Freud trata de pacientes homens, ainda jovens (entre 20 e 30 anos), que apresentavam importantes inibições tanto na vida amorosa e sexual, como na vida profissional, com um acentuado apragmatismo, em especial no que diz respeito à gestão dos bens, herdados do pai e entregues, em ambos os casos, aos cuidados da mãe. Refiro-me aos casos que ficaram conhecidos como o Homem dos Ratos e o Homem dos Lobos. A dependência financeira da mãe, no primeiro deles, aparece já nas notas da entrevista inicial, quando Freud escreve que, tendo indicado as suas condições, o Dr. Lanzer (o Homem dos Ratos) lhe dissera *“que precisava falar com a mãe. Volta no dia seguinte e aceita”*.

Freud pouco informa sobre a sintomatologia atual do Homem dos Lobos, detendo-se na descrição de manifestações neuróticas ocorridas na infância do paciente, caracterizada por sintomas fóbicos e por uma neurose obsessiva que se prolongara por vários anos. Na infância do Homem dos Ratos, Freud encontra também o que ele chama de uma *“neurose obsessiva completa”*.

A análise do Homem dos Lobos gira em torno de um sonho de angústia ocorrido ... aos 4 anos de idade (!): no sonho, o menino estava deitado em sua cama quando a janela se abre e ele vê seis ou sete lobos sentados sobre uma árvore (uma

Luís Carlos Menezes — Psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

TEXTOS

nogueira), imóveis. Desperta então invadido por “grande terror”, “evidentemente” — é o que diz o paciente — “terror de ser comido pelos lobos”.

No caso do Homem dos Ratos, que, na infância, tinha desejos ardentes de ver mulheres se desnudar, desejos que se acompanhavam de um afeto penoso ligado à idéia de que “o pai poderia morrer” e de atos de defesa contra esse afeto (a “neurose obsessiva completa”), nesse caso não é num sonho, mas no relato de um suplício que se encontra o elemento central da análise. O “grande terror” suscitado pelo relato não é o de ser comido por um animal feroz mas o de se representarem ratos penetrando pelo ânus.

A angústia que interrompe o sono não se produz no interior de um sonho, mas no preciso momento em que, na segunda sessão, o paciente se põe a fazer o relato do suplício, ouvido por ele mesmo, cerca de dois meses antes, da boca de um capitão, que simplesmente contava o que havia lido num livro.*

Durante o relato (... de um relato) da tortura, em sessão, o paciente parece totalmente tomado pelo conteúdo do que diz, como se suas palavras tivessem adquirido a atualidade alucinatória própria das imagens, no sonho. O poder usual das palavras em evocar imagens e cenários de uma ação parece de tal forma aumentado no curso desse relato, que elas se transformam no lugar alucinatório da ação que descrevem, como num sonho desperto, sem imagens. Enquanto fala, aparece em seu rosto uma “expressão estranha” que Freud, com admirável fineza psicológica, descreve como a do “horror de uma volúpia por ele mesmo ignorada”.**

Sabemos, desde “A Interpretação dos sonhos”, que um pensamento, ao entrar nos processos oníricos, se transforma em acontecimento, no imediato da cena do sonho, e as palavras são nele tratadas como coisas, quer dizer, liberadas das relações estreitas em que se mantêm na estrutura da frase — podem desdobrar-se em efeitos semânticos e em associações por homofonia ou por similaridade de sentido as mais bizarras.

As palavras, postas assim ao serviço das exigências do conflito

A infiltração do processo secundário pelo processo primário é testemunhada pela vivência quase alucinatória do conteúdo do relato do suplício.

to pulsional, sob o jugo dos processos primários, revelam um surpreendente poder de significação e de jogo no interior da língua.*** É o que acontece com a palavra “Ratte” (rato) no relato do suplício, se julgarmos pela multiplicidade de cenas e de áreas da “sensibilidade complexual” do paciente a que ela remete (e nela se condensam) no decorrer do trabalho psicanalítico.****

A infiltração do processo secundário pelo processo primário é testemunhada pela

vivência quase alucinatória do conteúdo do relato do suplício (numa espécie de sonho branco), levando Freud a dizer, diante deste “excesso de transferência”, que, ao contrário do capitão, ele próprio, Freud, não tinha tendência à crueldade e não queria torturá-lo, o que não impede que o paciente, no final da sessão, “num estado de estupeor e confusão”, o chame de “meu capitão”. Da mesma maneira, o caráter imperioso de uma injunção como “você vai devolver as 3 coroas e 80 ao tenente A”, que é próprio dos sintomas da neurose obsessiva, traz a marca de vida psíquica inconsciente; esta injunção, subtraída aos efeitos corretivos da atividade consciente de pensamento, de reflexão ou da consideração de dados da realidade, tira o seu caráter compulsivo do conflito pulsional primário de que é expressão e exerce sobre

* Os tradutores de “L’homme aux rats — Journal d’une analyse” sugerem que se trata do livro de Octave Mirbeau, de 1899, *Le jardin des supplices*, dedicado: “Aos padres, aos soldados, aos juizes, aos homens que educam, dirigem, governam os homens, dedico estas páginas de assassinato e de sangue”. Os autores nos informam que no livro a tortura, descrita com detalhes, é praticada com um grande rato, privado de alimentos durante dois dias (1). Remetem, a este propósito, ao artigo de Loenard Shengold no *Int. Journal of Psycho-Analysis* Vol. 52, p. 277.

** J. Laplanche encontra neste caso clínico a ocasião de apreender ao vivo e como que em statu nascendi a dimensão pulsional do que virá a ser o superego na teoria freudiana: “O superego apresenta-se como um rato, gozador, cruel, à própria imagem da pulsão. De sorte que o conflito moral torturante, conflito de nível elevado, não faz senão encobrir uma luta ‘cruel e líbrica’ em que o castigo supremo está sempre agregado ao gozo supremo.” (2)

*** O que foi descoberto e amplamente demonstrado por Freud em sua *Interpretação dos Sonhos*.

**** Ratte — rato; Rate — prestações, dividendos, que evoca a dívida do pai num jogo (Spielratte — rato de jogo, jogador) e também o “complexo do dinheiro” em relação com a anulação; heiraten — casar, que remete à questão conflitual do casamento do pai e do seu próprio; Ratz — criancinha do dialeto vienense, equivalência com o filho que sua “dama” não pode ter; rato, como animal que transmite doenças, evoca a sífilis e o pênis, por proximidade metonímica de sentido.

o sujeito a força coercitiva que deriva deste investimento. O pensamento obsessante, apesar da aparência em contrário, está em ruptura com a atividade consciente de pensamento, sendo inacessível a este, de maneira que, como escreve Freud, “os pacientes ignoram o enunciado de suas próprias obsessões”³³.

Não há dúvida de que se o sonho é a “via real”, o sintoma obsessivo, como abertura sobre o inconsciente (senão como inconsciente a céu aberto) oferece um novo ângulo de acesso a este. É Freud quem afirma que, “na neurose obsessiva, os fenômenos psíquicos inconscientes irrompem às vezes na consciência em sua forma a mais pura, a menos deformada...”³⁴. Mas, não é meu propósito aqui arriscar-me mais além nas árduas questões metapsicológicas que começam a despontar e por isso volto à aproximação que começara a fazer entre o “sonho dos lobos e o relato dos ratos”.

O “sonho dos lobos” foi interpretado como expressão de uma fantasia inconsciente do coito entre os pais (realmente observado ou não) e no qual aparece também o desejo inconsciente do menino, atualizado no sonho, de ocupar o lugar da mãe neste coito, recebendo pelo ânus o pênis do pai. A angústia resultaria do horror diante do desejo que assim se revela, ou melhor, se constitui no interior do sonho e supõe, segundo a teoria sexual vigente, a perda do pênis.

O suplício dos ratos, relatado para Freud em meio ao “horror de uma volúpia por ele mesmo ignorada”, não é incompatível com a representação de uma cena primitiva em que o paciente fosse objeto do coito

paterno, lugar ocupado aqui pela figura transferencial do “capitão cruel” e... pelo próprio Freud. Tem-se, no entanto, que levar em conta que, nesta análise, Freud encontra menos uma disposição passiva inconsciente em relação ao pai, como no Homem dos Lobos, que uma tendência, recalcada, à revolta e ao ódio contra o pai: no episódio do relato do suplício, Freud insiste num movimento de revolta e desaiio ao capitão e suas crueldades, movimento que encontra o seu paradigma na cena infantil (três a quatro

Não há dúvida de que se o sonho é a “via real”, o sintoma obsessivo, como abertura sobre o inconsciente (senão como inconsciente a céu aberto) oferece um novo ângulo de acesso a este.

anos), em que o menino, ao ser castigado pelo pai, o impressiona pela fúria com que reage contra ele. Enquanto todo o trabalho na análise do Homem dos Lobos se reduziu a levá-lo, segundo Freud, a admitir (hoje diríamos elaborar) as suas aspirações homossexuais inconscientes em relação ao pai, na análise do Homem dos Ratos o pivô da neurose se encontra no “ódio infantil contra o pai”. Num caso, a hostilidade contra a figura paterna é mobilizada defensivamente contra o desejo

homossexual inconsciente; no outro o ódio inconsciente é primário, a intensificação do amor pelo pai sendo uma compensação reativa. Trata-se de configurações diferentes do “complexo paterno”: numa, conflito entre aspiração homossexual e “masculinidade narcísica” (segundo a teoria sexual inconsciente, em que a satisfação pelo pai supõe a perda do pênis), e na outra, conflito entre o ódio inconsciente e o amor, pelo pai.

Freud mostra-se perplexo diante da intensa ambivalência e da importância do ódio na neurose obsessiva, escrevendo que a relação do “fator negativo do amor à componente sádica da libido lhe é totalmente obscura”³⁵. O ódio inconsciente ao pai é aqui vinculado por Freud à figura do interditor que impede a satisfação das aspirações sensuais do menino, na forma do que chama de “complexo nodal das neuroses” que, pouco tempo depois, receberá o nome de complexo de Édipo. Embora essa explicação se repita ao longo do texto, não parece suficiente a Freud para dar conta da estrutura desta neurose, em que o elemento determinante é não uma fantasia libidinal, mas o ódio recalcado.* A título de “conhecimento provisório”, postula que o ódio inconsciente seja expressão de um sadismo “constitucionalmente muito forte” e, portanto, “reprimido de maneira muito precoce e muito intensa”³⁶. A idéia de regressão a uma fase pré-genital sádico-anal e a desintração pulsional serão desenvolvimentos posteriores, em relação com este problema.

Os conflitos afetivos, escreve

Pe* O ódio ao interditor e os desejos de morte que lhe são dirigidos não são da mesma natureza que fantasias sádicas ou sadomasoquistas em relação ao pai.

TEXTOS

Freud, apresentam-se por pares, de sorte que o ódio pela "amiga" (note-se a designação relativamente assexuada desta mulher que, ao longo da exposição do caso, é designada como "a dama", "a amiga", "a prima") vem junto com um maior amor pelo pai e vice-versa. Nesta gangorra compensadora dos afetos, a amiga e o pai parecem situar-se no mesmo plano, e não em lugares distintos, não permutáveis, em que um ocupasse a posição de objeto do desejo erótico e o outro a de interditor ou obstáculo à realização do desejo, disposição absolutamente necessária na lógica do complexo de Édipo ("complexo nodal").**

Voltemos ao relato do suplício dos ratos, cena primitiva centrada não tanto numa "fantasia homossexual passiva, masoquista", como quer B. Grumberger⁽⁶⁾ (o que a aproximaria do conteúdo do sonho dos lobos), mas numa penetração sádica do pai (e da dama), em que o sujeito parece menos identificado ao capitão cruel que ao próprio rato, que penetra e morde o ânus do pai e da dama. Esta hipótese leva em conta uma certa simetriação entre os objetos edípicos há pouco mencionada, como se a fantasia se compusesse menos em torno da polaridade masculino-feminino (como no sonho dos lobos), que na oposição ativo-passivo, própria da pré-genitalidade (fase sádico-anal). Penso que o que está em jogo ali não é tanto a "oscilação normal entre o homem e a mulher" (como objeto de amor) a que se refere Freud, mas uma oscilação "anormal" caracterizada pela instabilidade, pela indefinição das posições masculino-feminino na fantasia do coito, e em

relação às quais o sujeito pudesse identificar-se.*

Ora, o pai interditor é não só objeto de amor, mas também de suspeita e de desconfiança, o que transparece abundantemente ao longo desta análise. O pai é um Spielratte (rato de jogo) que perdeu no jogo o dinheiro destinado a despesas militares que ficara sob sua guarda, enquanto suboficial; não casou com a mulher que queria, mas com a mulher rica; em uma lembrança de infância, é o pai que o leva a roubar algumas moedas do porta-moedas na

O pai interditor é não só objeto de amor, mas também de suspeita e de desconfiança, o que transparece abundantemente ao longo desta análise.

bolsa de mãe; a conduta sexual do pai durante a carreira militar é objeto de dúvidas (representada — a dúvida — pelo rato como símbolo da infecção sífilítica). A "incerteza inconsciente" em relação ao pai aparece no episódio da conversa com o tio, por ocasião dos funerais da tia, um ano e meio depois da morte do pai, que estaria na origem de sua descompensação neurótica (inibição para o trabalho, remorsos e obsessões). Nessa ocasião o tio exclamara: "Outros homens

se permitem todo tipo de coisas, mas eu, eu vivi para esta mulher", o que fora interpretado pelo paciente como uma alusão ao pai, de quem se põe a suspeitar da infidelidade conjugal. Durante uma sessão, tem a fantasia de que o médico da família está violando sua irmã Rita. Recorda então que, quando ela tinha 10 anos, o "papai" devia ter feito algo inconveniente com ela. Ele ouvia gritos vindo do quarto, depois o "papai" saiu dizendo: "Esta menina tem mesmo uma bunda de pedra".

Tudo isso, evidentemente, nos é dito pelo paciente, e Freud vê nessas críticas a expressão da hostilidade inconsciente do paciente contra o pai. Expressão da hostilidade, sem dúvida, mas não da hostilidade contra o pai interditor, e sim contra o **pai que falha**, que é insuficiente em sua função interditor e, portanto, ordenadora da situação edípica. As más condutas atribuídas ao pai não são propriamente a causa da "insuficiência paterna" (haveria risco de se cair aqui numa posição moralista, normativa, bastante ingênua), mas a tradução, a expressão dessa "insuficiência", que é um elemento determinante, fundamental na estrutura da neurose obsessiva. A "falha paterna" é uma falha interna, estrutural, e como tal é fonte permanente de ódio da neurose obsessiva, pois dela resulta um impasse na elaboração do complexo de Édipo, condição para

* Mesmo na forma invertida do complexo de Édipo, como no caso do Homem dos Lobos, não será necessário distinguir o pai interditor (agente da castração, previsto "filogeneticamente") do pai objeto de amor, em fantasia de conteúdo homossexual ou sedomasoquistas?

** Embora em outro contexto, em que se refere ao homem dos lobos, a seguinte afirmação de G. Rosolato não é estranha ao que digo aqui: "o obsessivo explora sutilmente um índice de realidade que lhe permite se inserir (s'ancrer) no Édipo e de ficar igualmente independente dele" (7).

o sujeito situar-se em seu desejo (que se apresenta como indefinidamente inacessível a ele)* e alcançar uma posição identificatória estável.

Vale notar que o *"pai insuficiente"* é o pai edípico já derrotado, num confronto que não ocorrerá porque já houve. É o que pensa G. Rosolato, para quem o obsessivo evita a abordagem direta da castração e, portanto, a resolução do complexo de Édipo, compondo a fantasia de que esta já ocorreu: o pai já foi morto e a mãe possuída, de maneira que *"a castração não poderá mais ocorrer; persiste apenas a culpabilidade"*¹⁷⁾.

Neste triunfo prematuro e infeliz sobre o pai edípico, o obsessivo pode encontrar apoio numa cumplicidade narcísica com a mãe.** Para S. Leclaire, aliás, na neurose obsessiva o menino será sempre portador da marca do *"desejo insatisfeito da mãe"*¹⁸⁾, que ele, e não o pai (tido por insuficiente), deve preencher.*** De maneira que a estratégia defensiva do obsessivo diante do complexo de Édipo o torna fatalmente prisioneiro da condição de herói, mas de um herói de calças curtas, o herói da mamãe.

No caso do Homem dos Ratos, o pai que surge da fala do paciente é um homem que foge ao pagamento de sua dívida com a geração anterior (ao contornar a interdição paterna), mostrando-se ora amiguinho do menino, rouba com ele algumas moedas da mãe, ora tomado por acessos de raiva brutais contra as crianças, de modo que o filho parece não encontrar nesse pai senão um rato *"viciosamente perverso"* como ele próprio (a terceira personalidade do paciente, segundo Freud). O paciente está em busca da referência que lhe permitisse recal-

car o rato pulsional (pênis imundo e sádico, pré-genital), para apropriar-se, por identificação edípica, de sua herança... a de um homem dotado do pênis.

O pai assustado pela intensa fúria do menino (3-4 anos), num episódio em que fora duramente castigado por ele, profetizara que se tornaria ou um assassino ou um grande homem. A partir de então, o pai nunca mais o castigou e o paciente diz ter-se tornado covarde, de medo do próprio furor. Ora, no episódio da obsessão dos ratos, ele é o

A possibilidade de acesso e efetivação de seus desejos viris em relação à mulher é fruto do trabalho de elaboração da questão do pai, que, muito claramente, estava ocorrendo nessa análise

rato *"assassino"* que penetra e morde o ânus do pai, mas é também o *"grande homem"* em sua tentativa vã de pagar uma dívida impagável, de preencher um lugar deixado vago nele mesmo. Para Freud, uma terceira alternativa fora esquecida na profecia do pai — a da neurose. Essa, no entanto, parece reduzir-se à oscilação sem fim entre as duas primeiras.

Gostaria de chamar a atenção para um momento da análise em que o paciente *"se ataca"* à pessoa (e ao corpo) de Freud,

de sua mulher, de sua mãe e de sua filha, de um modo que não deixa de evocar a figura do rato como *"este animal dos esgotos"*, que *"morde e rói"*. Ocorrem-lhe fantasias e sonhos em abundância, que Freud chama de *"transferência repugnantes"*, em uma sorte de orgia incestuosa (transferencial). Cito alguns exemplos: ocorre-lhe em sessão a idéia de que *"a Sra. Freud vai lambê-lo no cu"*, ou a fantasia de que *"a filha de Freud está chupando um dos secretários do tribunal, um tipo nojento que está nu"*, ou o sonho: *"o corpo nu da mãe de Freud com duas espadas enfiadas no peito, devorada em seu baixo-ventre e em seu sexo por Freud e suas crianças"*, ou ainda esta fantasia em que manda Freud trazer sua filha ao quarto, *"para que ele a lamba"*.

O paciente exaspera-se com o que pensa e diz, tomado de horror e culpa, fica perguntando ao professor se não vai espancá-lo, expulsá-lo para sempre dali, preocupação que o leitor, aliás, não está longe de partilhar. Freud não demora, a cada vez, em encontrar um sentido para tais fantasias e interpretá-las ao paciente, como se estivesse matando uma charada e aliviado, estivesse dizendo a ele (e a si mesmo): ora, era apenas isso. Por exemplo, na fantasia das duas espadas no corpo da mãe, cujo sexo está sendo devorado

* *"Um vêu, tão transparente quanto intransponível, parece separar o sujeito obsessivo do objeto de seu desejo"*, escreve S. Leclaire (8).

** É conhecida a afirmação de Freud sobre a única relação perfeita, a da mãe com o filho homem. Fantasia do obsessivo, esta perfeição sem falhas faz contraponto à "insuficiência", à "falha paterna".

*** Fica em aberto a questão de saber o que nisto é a fantasia do sujeito e o que encontra suporte efetivo nas fantasias (edípicas) maternas. Acredito, baseado em minha experiência, na importância e na generalidade desta última alternativa, embora pense que seja necessário, numa análise, não perder de vista o poder da refração próprio à realidade psíquica do analisando.

TEXTOS

por Freud e seus filhos, a associação das espadas com o coito e o casamento (entre outras), leva Freud a dizer-lhe que o sentido era claro: *"a beleza de uma mulher seria devorada pela relação sexual e pelo casamento"*, e a acrescentar em suas notas: *"desta vez ele riu muito dele mesmo"*.

Freud resiste bravamente aos assaltos dos ratos, tomados de furor lúbrico, que irrompem *"nas transferências"*, submetendo-o a duras provas, mas acabam volatilizando-se um a um, ao serem tratados como enigmas e decifrados.

Uma outra dúvida, referida ao pai e retomada pelo próprio paciente em suas intermináveis hesitações em relação à escolha da mulher com quem casar (a prima amada* ou a pretendente rica do casamento arranjado pela mãe), apresenta-se com muita intensidade na análise. O paciente, em dado momento, passa a ter a convicção de que Freud o trata bem, porque quer casá-lo com sua filha. Um sonho permitirá ao analista perceber e interpretar esse movimento transferencial.

O paciente que, com 29 anos, teve sempre uma vida sexual pobre (a sua primeira relação sexual foi aos 26 anos), passa, depois do início da análise, a ter relações sexuais freqüentes com uma costureira, com quem, segundo Freud, *"sua potência sexual é excelente"*. Observação que, nas notas de Freud, é imediatamente seguida da frase: *"hoje ele ousou atacar sua mãe..."*.

A possibilidade de acesso e efetivação de seus desejos viris em relação à mulher é fruto do trabalho de elaboração da questão do pai, que, muito claramente, estava ocorrendo nessa análise. Lembro, a

propósito, que na ocasião das manobras militares, ele estaria sob *"grande tensão libidinal"* e ficara tentado a ter uma aventura amorosa com uma jovem atraente, no albergue, e também com a funcionária do correio que adiantara, por ele, o pagamento de seu reembolso postal. A *"tensão libidinal"*, como sabemos, refluíu no *"delírio"* dos ratos: ele tortura-se durante toda a viagem de retorno a Viena, com a necessidade de efetuar o pagamento do reembolso postal, lutando com a idéia compulsiva de retornar imediatamente à

Na trama do complexo paterno encontramos, pois, como elemento dinâmico da neurose, ora amor, ora ódio, ora desejo pelo pai

cidade onde está o correio, para pagar a moça. Este pagamento, no entanto, deveria ser feito no cenário montado em seu espírito, não diretamente, mas por intermédio de dois homens, interpostos entre ele e ela, numa flagrante inversão da situação edípica, já que o interditor ou rival do triângulo se torna aqui um mediador necessário.**

A configuração particular do complexo paterno que emerge dessa análise suscita pois alguns problemas em relação à primeira versão do complexo de

Édipo (embora ainda não batizado assim) das Cartas a Fliess e da Interpretação dos Sonhos: desejos de morte em relação a um pai que é obstáculo à satisfação de aspirações incestuosas pela mãe. Se para Freud o elemento central dessa neurose (Homem dos Ratos) reside no conflito defensivo contra o *"ódio inconsciente pelo pai"*, tal ódio não visa eliminar o pai, mas, ao contrário, como que está em busca dele, na tentativa de reconstituí-lo ou de mantê-lo através da mobilização de um erotismo arcaico. No caso do Homem dos Lobos o elemento matricial da neurose é também uma fantasia erótica em relação ao pai; o pólo pulsional do conflito defensivo, no entanto, não é o ódio mas um *"amor homossexual"* pelo pai.

Na trama do complexo paterno encontramos, pois, como elemento dinâmico da neurose, ora amor, ora ódio, ora desejo pelo pai, elementos difíceis de articular no complexo de Édipo, a menos que, talvez, se comece pela distinção entre, de um lado, o par **amor-ódio**, inerente a qualquer relação ao objeto que, sendo *"não-eu"* (um outro portanto), é o eterno rival de *"mim mesmo como objeto de amor"*^(11, 12) e, de outro, a noção de **desejo** e de seu correlato, a **interdição**.***

Vale dizer que a distinção entre estes dois planos aparece não só no texto sobre o Homem dos Ratos, em que pai e dama se encontram no mesmo lugar como objetos da ambivalência afetiva, mas também, e com insistência, ao longo do relato

* *"Cada vez que tinha que dar um passo que o aproximasse do objetivo de seus desejos, sua resistência se manifestava pelo sentimento de não amá-la tanto assim, no fundo..."*, observa Freud (10).

** Observação que pode ser importante para a compreensão da homossexualidade da neurose obsessiva.

sobre o pequeno Hans, em que o medo de perder a mãe, o pai ou a irmã em função de tendência hostis inconscientes contra estes "outros" amados está presente ao lado da angústia pelo próprio pênis ameaçado, digamos, "filogeneticamente" pelo pai interditor.***

Com a distinção entre os pares amor-ódio e desejo-interdição, chego a um resultado que é bem modesto, ao final deste exercício de leitura, ainda mais se tivermos em mente os importantes desenvolvimentos que esses temas sofreram depois de Freud: Melanie Klein chegou à concepção da posição depressiva, como elaboração da ambivalência originária em relação ao objeto, embora, é verdade, tenha perdido um pouco "o pai" pelo caminho; Lacan com sua teoria sobre a identificação primária (o estágio

do espelho) trouxe um esclarecimento fecundo ao problema do narcisismo. Sabemos que, dispondo deste elo teórico, ele foi levado a dar uma versão do complexo de Édipo em que o desejo e a interdição (função paterna!) vêm recortar, de forma fundadora e estabilizadora, o amor e o ódio, sempre potencialmente explosivos, contidos na fascinação narcísica do objeto-eu originariamente incerto de suas fronteiras.

BIBLIOGRAFIA

- (1) FREUD, S. - "L'Homme aux rats - Journal d'une analyse" trad. de E.R.Hawelka e P.Hawelka. Ed. bilingüe da PUF p.43.
- (2) LAPLANCHE, J. - "Problemáticas I: A Angústia" - Ed.Martins Fontes, p 286.
- (3) FREUD, S. - "Cinq Psychanalyses". Ed.PUF p. 244, ou: Ed. Std.Bras. vol. X,p. 244.
- (4) ———. - "Cinq Psychanalyses". Ed.PUF p.248, ou: Ed. Std Bras., p.230
- (5) ———. - "Cinq Psychanalyses". Ed.PUF p. 255, ou: Ed. Std.Bras., p.241
- (6) GRUMBERGER, B. - "Al margen de El Hombre de los Ratos" em "Los casos de

Sigmund Freud: El Hombre de los Ratos". Ed.Nueva Visión p 131.

(7) ROSOLATO, G. — "Essais sur le symbolique". Ed. Gallimard, p. 48 e 49.

(8) LECLAIRE, S. — "Démasquer le réel". Ed. du Seuil, p. 147.

(9) ———. — "p. 154.

(10) FREUD, S. — "Cinq Psychanalyses". Ed. PUF p. 225 ou: Ed. Std. Bras., vol. X, p. 197.

(11) ———. — "Pour introduire le narcissisme" em "La vie sexuelle", Ed. PUF, p. 81, ou: Ed. Std. Bras. vol. XIV, p. 89.

(12) ———. — "Pulsions et destins des pulsions". Ed. Gallimard, p. 11-44 ou: Ed. Std. Bras. vol. XIV, p. 137-162.

***Distinção que nos leva, de imediato, à interrogação sobre os conceitos de objeto, bastante diferentes, que se encontram sucessivamente na teoria das pulsões, tal que é formulada nos "Três Ensaios" e na teoria do narcisismo.

A metapsicologia, embora com o risco de parecer "metafísica", poderá considerar relevante a questão de saber se, quando falamos do "objeto" de amor ou de ódio, estamos falando da mesma coisa que "objeto" de desejo ou "objeto" da pulsão. Acredito que não levantar esse problema poderia implicar com outro risco, o de que a metapsicologia virasse uma psicologia...

* Papel de interditor-rival, aliás, que o pai (de Hans) recusa obstinadamente a ocupar em suas "conversas" psicanalíticas com o filho e, no qual, no entanto, Hans insiste com a mesma obstinação...